

ANÁLISE JUNGUIANA DA ELABORAÇÃO DO LUTO PELO CUIDADOR-FAMILIAR ANTE A MORTE IMINENTE DO PACIENTE TERMINAL.

Ana Cristina Aparecida Jorge ¹; Márcia Gagliardi ².

¹Graduandos da Faculdade de Psicologia– FSP – Avaré/SP; ²Docente da Faculdade de Psicologia – FSP – Avaré/SP

email: aninhacristinajorge@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A família é um grupo de indivíduos constituído por vínculos sanguíneos, afetivo-emocionais, sociais e econômicos. Pode-se dizer que este grupo se desenvolve a medida em que seus membros são atuantes na sociedade a qual estão vinculados, compondo características e dinâmicas específicas entre si, passíveis de alterações a partir de acontecimentos exteriores, constituindo assim as identidades subjetivas. (SILVA&WENDLING, 2008).

O adoecer de um membro familiar compõe o adoecer familiar em completude (SILVA&WENDLING, 2008), ou seja, a patologia de um integrante deste grupo se reflete nos demais, seja física e/ou psicologicamente, pois os membros tem de se reacomodar para vivenciar este período estressor.

O período do prognóstico muitas vezes é longo e exige, por vezes, um acompanhamento constante por parte de um ou mais familiares. Isto acaba por acarretar um desgaste tanto físico como psíquico tanto para o paciente como para os familiares (SILVA&WENDLING, 2008).

Nestes casos é comum o luto antecipatório, ou seja, a partir do diagnóstico da patologia, os cuidadores e familiares vivenciam um sentimento de perda constante, pois progressivamente constata-se a finitude do paciente através da degeneração física e psicológica. “A morte do outro configura-se como a vivência da morte em vida” (Kovács, 1992, p.149 apud DIAS&PEREIRA, 2007), como se o vínculo também morresse junto com o ente familiar.

Diante destes termos o presente trabalho será inicialmente uma revisão bibliográfica com base na teoria analítica e demais publicações referenciais sobre os enunciados propostos para obter a compreensão sobre a elaboração do luto pelo cuidador-familiar ante a morte iminente do paciente terminal em internação.

DESENVOLVIMENTO

A morte é um processo biológico sendo o acontecimento mais marcante da vida humana, dessa forma alvo de estudos científicos, reflexões filosóficas, artísticas e teológicas, desde o início da humanidade, mas ainda visto com estereótipos, estigmas e preconceitos (SILVA&WENDLING, 2008).

Para Jung (FIDÉLIS, 2000), a morte é uma experiência humana com predisposições subjetivas, ou seja, ao mesmo tempo em que representa um fato coletivo é também a somatória dos conhecimentos culturais, do histórico de vida, do desenvolvimento cognitivo emocional e da estruturação do dinamismo psíquico. Representa, portanto, o indivíduo como um todo e é neste contexto que sua importância é extrema, tanto pelos danos que causa como pelos fatores familiar e social que o acompanham.

O adoecer de um membro familiar compõe o adoecer familiar em completude (SILVA&WENDLING, 2008), ou seja, a patologia de um integrante deste grupo se reflete nos demais, seja física e/ou psicologicamente, pois os membros tem de se readaptar para vivenciar este período estressor. O período do prognóstico muitas vezes é longo e exige, por vezes, um acompanhamento constante por parte de um ou mais familiares. Isto acaba por acarretar um desgaste tanto físico como psíquico tanto para o paciente como para os familiares.

Nestes casos é comum o luto antecipatório, ou seja, a partir do diagnóstico da patologia, os cuidadores e familiares vivenciam um sentimento de perda constante, pois progressivamente constata-se a finitude do paciente através da degeneração física e psicológica. “A morte do outro configura-se como a vivência da morte em vida” (Kovács, 1992, p.149 apud DIAS&PEREIRA, 2007), como se o vínculo também morresse junto com o ente familiar.

Kubler-Ross (2008) define cinco estágios de adaptação frente a doença terminal para pacientes, cuidadores e familiares. A negação, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação são etapas vividas tanto pelo paciente como pelos familiares e representam forças dinâmicas que coexistem entre si e são compatíveis com a esfera subjetiva do paciente e do grupo familiar.

Para Jung (FIDÉLIS, 2000) a tristeza provinda da morte não voltar-se-á ao morto, mas para os que tenham de suportar e elaborar o sentimento de dor da perda, permeado assim por angustias, medos, incertezas, sentimentos ambivalentes entre outros.

A Psicologia Analítica compreende as patologias e a experiência da morte como um processo de mutação para um novo ser, como o começo de um ser totalmente diferente (JAFF; FREY-ROHN; FRANZ, 1995). A psique nesta medida seria confinada aos domínios do tempo e do espaço (JUNG, 2007) sendo assim tanto familiares como demais cuidadores devem interpretar o conteúdo simbólico referente as doenças no caminho da individuação, entendendo a morte como um objetivo, aceitando a finitude do ser humano e a impossibilidade do controle sobre a vida ou a morte.

CONCLUSÃO

As evidencias demonstram que o período de luto antecipatório frente a patologia do ente familiar em internação é um período estressor permeado por angustias e ansiedades, marcado por uma ambivalência afetiva. Contudo a Psicologia Analítica compreende as patologias e a experiência da morte como um processo de mutação para um novo ser, como o começo de um ser totalmente diferente. Diante disto os envolvidos devem questionar sobre o que haveria de ser mudado na situação presente e qual poderia ser o aprendizado observado com o processo de adoecimento e morte, promovendo assim maior aceitação sobre o presente quadro e a resolução de conflitos advindos deste.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Margarida M. J. de (Org.). **Dor: um estudo multidisciplinar**. -2ª ed. - São Paulo: Summus, 1999.

COSTA, Rosangela Xavier da. **Entrelaçando os fios da vida: Concepções dos cuidadores-familiares de crianças/adolescentes com câncer acerca da morte**. João Pessoa – Paraíba: 2010. Disponível em: <http://btd.d.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arqui vo.php?codArquivo=1533> Acesso em: 17 de agosto de 2012.

ERES, Sílvio Lopes; AGOSTINHO, Márcio Roberto; SANTOS, José Wellington. **Morte: uma visão em Carl Gustav Jung**. Marília – SP: 2011. Disponível em:<<http://psijung.blogspot.com.br/2011/04/carl-gustav-jung-e-morte.html>> Acesso em: 17 de outubro de 2013.

FIDÉLIS, V. C. **A morte na visão de Carl Gustav Jung, e a importância de sua teoria para a leitura simbólica das doenças psicossomáticas**. In: ESCUDEIRO. Aroldo (Org.). Reflexões sobre a morte e a perda. São Paulo: 2000, pág. 173 – 183.

JAFFE, Aniela; FREY-ROHN, Liliane; FRANZ, Marie-Louise Von. **A morte à luz da psicologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** - 5 a. Ed. [Tradução, Maria Luiza Apy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Petrópolis. RJ: Editora Vozes, 2007.

KUBLER-ROSS, Elisabeth, **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes. [Tradução: Paulo Menezes]. – 9ª ed. – São Paulo: Editora: WMF Martins Fontes, 2008.

OLIVEIRA, Érika A. de; SANTOS, Manoel A. dos; MASTROPIETRO, Ana P. **Apoio psicológico na terminalidade**: Ensinamentos para a vida. Ribeirão Preto – São Paulo: 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000200002> Acesso em: 17 de agosto de 2013.

PEREIRA, Lílian Lopes; DIAS, Ana C. G. **O familiar cuidador do paciente terminal: o processo de despedida no contexto hospitalar**. Porto Alegre - RS: 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1924/1430>> Acesso em: 17 de agosto de 2013.

REZENDE, Vera Lucia [ET AL]. **Depressão e ansiedade nos cuidadores de mulheres em fase terminal de câncer de mama e ginecológico**. Campinas – São Paulo: 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-72032005001200006&script=sci_arttext > Acesso em: 17 agosto de 2013.

SERAVALLI, PhD Egilde P. **The Terminal Patient, The Doctor and the Fear of Dying**. [Tradução: Marco T. de A. Figueiredo] Itajubá – MG: 2012. Disponível em: <http://187.120.100.11:8080/rcsfmit/ojs-2.4.1/index.php/rcsfmit_zero/article/download/119/110> Acesso em: 17 de agosto de 2013.

SILVA, Thainá da Rocha; WENDLING, Maria Isabel. **Família, paciente terminal e morte: O inevitável trajeto frente a dor da perda**. Porto Alegre – RS: 2012, Disponível em: <<https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/102/thainá.pdf>> Acesso em: 17 de outubro de 2013.